
RELATO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS OFICINAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM “ENSINO DE COMUNICAÇÃO/JORNALISMO: TEMAS CONTEMPORÂNEOS” DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS¹

Autora: Rose Dayanne Santana Nogueira²

Co-autora: Cynthia Maria Miranda³

RESUMO: O presente *paper* traz reflexões sobre o papel da extensão universitária a partir da experiência vivenciada nas atividades de extensão promovidas pelo curso de especialização “Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos” do Núcleo de Pesquisa e Extensão “Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino – OPAJE” da Universidade Federal do Tocantins – UFT. O relato é guiado pelas experiências vivenciadas por meio da realização de duas oficinas em Escola Pública do município de Palmas, integradas aos projetos “Escola Livre de Jornalismo” e “Vídeos na Escola” e aponta como as atividades de extensão podem aproximar a Universidade da sociedade, com estabelecimento de diálogo e benefícios mútuos.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária; Experiência; Especialização

1. Introdução

O ensino, a pesquisa e a extensão formam o tripé fundamental da Universidade Brasileira, e trazem grandes desafios para se trabalhar de forma interdisciplinar essas áreas. Aqui nos interessa os diálogos entre ensino e extensão a partir da experiência promovida pelo curso de especialização “Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos” do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino – OPAJE da Universidade Federal do Tocantins – UFT, durante em duas oficinas realizadas por meio do projeto de extensão “Escola Livre Jornalismo” e “Vídeos na Escola” do OPAJE, em duas escolas públicas de Palmas, capital do Estado do Tocantins.

¹ As autoras expressam o seu agradecimento ao coordenador geral do Opaje, Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto Junior, pelas contribuições para realização do presente estudo.

² Mestranda em Comunicação e Sociedade (UFT). Pós-graduada em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos (UFT). Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo (ULBRA). Integrante do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino – OPAJE (UFT). rosedsantana@gmail.com

³ Doutora em Ciências Sociais (UnB); professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino - OPAJE-UFT. cynthiamara@mail.uft.edu.br

Também serviram como referência o projeto do curso de especialização, além das memórias acadêmicas da autora na condição de aluna no período em que a especialização foi cursada, de outubro de 2015 a dezembro de 2016.

Segundo Jezine (2004), a extensão é uma função acadêmica que vai além do estabelecimento da interação ensino e pesquisa, pois implica na formação do aluno, do professor e da sociedade, e também “na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia sejam os pilares da formação e da produção do conhecimento” (JEZINE, 2004, p. 4).

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), após amplo debate desenvolvido nos Encontros Nacionais realizados nos anos de 2009 e 2010, apresentou às Universidades Públicas e à sociedade o conceito de Extensão Universitária:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p.15).

Tal definição orienta como a Extensão Universitária deve ser desenvolvida enquanto prática acadêmica, a qual deve ser balizada no que preconiza a Constituição Federal, ou seja, indissociável entre o Ensino, Pesquisa e Extensão, e “com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social” (FORPROEX, 2012, p.16).

Jezine (2004) destaca que a Extensão Universitária vem sendo redimensionada, com intuito de superar a dimensão de prestação de serviço assistencialista, que lhe era atribuída. Logo, esse redimensionamento é com ênfase na relação teórica-prática, “na perspectiva de uma relação dialógica entre universidade e sociedade, como oportunidade de troca de saberes” (JEZINE, 2004, p.2).

Essa nova concepção da Extensão Universitária, que integra uma dinâmica pedagógica curricular disposta a romper a estrutura rígida dos cursos, pôde ser vivenciada durante as atividades do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* “Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos” do Opaje/UFT.

O Curso é gratuito e os coordenadores e professores atuam de forma voluntária, os quais são pesquisadores do OPAJE ou mantêm relações diretas com as atividades do Núcleo. O que difere essa especialização das demais oferecidas na UFT é que o foco é a experimentação de um modelo adaptado onde a extensão e a pesquisa ocupam 80%

da carga horária de forma obrigatória – aqui nosso foco será apenas para as atividades de extensão.

Com carga horária de 390 horas/aula, modalidade presencial, e duração de 12 meses, o curso é composto por nove disciplinas. Não há uma disciplina específica para as atividades de extensão, uma vez que elas estão previstas ao longo de todo o curso, inseridos nas atividades das disciplinas.

3. Oficinas em escolas – atividades de extensão

Para as atividades de extensão os acadêmicos tiveram a oportunidade de, ao prestarem serviços que beneficiassem as comunidades, seja escolar, acadêmica e à sociedade de forma geral, pudessem também refletir sobre os problemas sociais existentes ao mesmo tempo em que colocavam em prática aquilo que foi aprendido na sala de aula, gerando assim benefícios mútuos.

A escola escolhida foi o Centro de Ensino Médio Castro Alves, em Palmas, com a realização de duas oficinas, ambas em abril de 2016, no período noturno, pelas acadêmicas Alessandra Bonfim Bacelar de Abreu Adrian, Rose Dayanne Santana Nogueira (autora deste relato) e Shara Alves Rezende.

A temática das oficinas foi escolhida pela direção do Centro de Ensino Médio Castro Alves. Durante a reunião de apresentação da proposta de extensão junto à direção no final de março de 2016, fomos informados que a Escola realizaria no período de 25 a 30 de abril a “Semana do Trabalhador”, em alusão ao Dia do Trabalho, comemorado no dia 1 de maio, e que seria pertinente e proveitoso para a Escola que as oficinas trouxessem questões relacionadas ao trabalho, uma vez que, além do evento estar contemplado dentro do Plano Pedagógico da Escola, a maioria dos alunos que estuda no período noturno são alunos trabalhadores.

Jezine (2004) alerta que o caminho da universidade para a sociedade não pode ser unilateral, pois é preciso procurar saber quais as expectativas produzidas pela sociedade e também valorizar “o contexto em que as atividades se inserem, na busca de uma relação de reciprocidade, mutuamente transformadora, em que o saber científico possa se associar ao saber popular” (JEZINE, 2004, p.3).

A oficina “Bate papo: fique por dentro do jornalismo” (projeto Escola Livre de Jornalismo⁴) foi realizada no dia 26 de abril de 2016, no Laboratório de Informática e

⁴ Tem como objetivo aproximar a comunidade acadêmica de comunicação social/jornalismo das escolas públicas, com foco no ensino de jornalismo e na prática jornalística, visando a publicização e popularização do que é desenvolvido por essa área do saber. Por meio de atividades formativas, se pretende criar uma cultura jornalística junto aos alunos das escolas públicas.

Sala de Vídeo da Escola e contou com a participação de três turmas do terceiro ano do Ensino Médio. Aproximadamente 60 alunos participaram. Na perspectiva do trabalho, tratou-se sobre a profissão do jornalista, formação, mercado de trabalho, áreas de atuação, formas de ingresso, movimento sindical, legislação, código ética, e mais especificamente o campo de atuação da assessoria de imprensa serviço público e a participação em concursos públicos. O foco foi escolhido pois as três acadêmicas que conduziram a oficina, além de discentes da Especialização e formadas em jornalismo, são assessoras de comunicação e atuam no serviço público.

A oficina consistiu-se em um bate-papo sobre a profissão, onde as acadêmicas discorreram sobre o tema, reforçando, além da questão do trabalho do jornalista, o papel social que o jornalismo, enquanto área de conhecimento, tem na sociedade e a responsabilidade social dos profissionais que escolher ser jornalistas.

Após as explicações e já a vontade com as mediadoras, os estudantes fizeram inferências, interagiram, responderam aos questionamentos e tiraram dúvidas. Eles tinham várias curiosidades sobre o funcionamento dos veículos, a remuneração da profissão. Muitos traziam em seu imaginário que o jornalista só trabalhava em TV, Rádio, ou Jornal Impresso apenas.

A oficina “O Mundo do Trabalho” (projeto de extensão Vídeos na Escola⁵) foi realizada no dia 27 de abril de 2016, no Laboratório de Informática e Sala de Vídeo do Cem Castro Alves. A professora responsável pelo Laboratório reuniu duas turmas do segundo ano do Ensino Médio, com um total de 65 alunos.

Após a apresentação da equipe e dos objetivos da oficina, as acadêmicas exibiram três vídeos: “Dia do trabalho - A evolução do trabalho na crônica da música popular brasileira”⁶; “Por que é o dia trabalho - 1º de Maio”⁷; “Conheça a origem do dia do Trabalho”⁸. As acadêmicas optaram por três pequenos vídeos que mostrassem as formas diferentes de conscientizar para a data comemorativa do Dia do Trabalho, sendo que deles foi indicado pela Escola.

O objetivo da oficina, alinhada à demanda da Escola, foi apresentar informações aos alunos sobre o surgimento da data comemorativa Dia do Trabalho, incentivar o

⁵ Realizado por meio da exibição de vídeos seguido de palestras nas escolas das Redes estadual e municipal de educação, visa proporcionar espaços para reflexão a partir de vídeos voltados para as necessidades da escola e da sociedade.

⁶ Disponível no endereço: (<https://www.youtube.com/watch?v=IDOQVNAzcZ4>). Acesso em: 26 abr. 2016.

⁷ A exibição desse vídeo foi uma sugestão da escola para a oficina. Estava disponível no Laboratório de Informática e Sala de Vídeo do Cem Castro Alves.

⁸ Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=xbBMI12b9Lw>. Acesso em: 26 abr. 2016.

debate sobre a evolução do trabalho (jornada, tipos de trabalho, formação do trabalhador entre outros); e contribuir para a construção de uma consciência crítica sobre o dia do trabalho e as conquistas do trabalhador.

Após a exibição dos vídeos, foi feito o debate com os alunos pontuando sobre cada vídeo exibido, e compartilhado o espaço para que os estudantes pudessem falar sobre as impressões do Dia do Trabalho, e, principalmente, trouxeram relatos sobre como conciliam a jornada de trabalho e os estudos.

A apresentação dos vídeos e a realização dos debates, de acordo com os relatos dos professores participantes da atividade, serviram para mostrar aos alunos que o 1º de Maio é mais do que um feriado, uma vez que relembrou fatos históricos que contribuíram para a criação da data, as lutas realizadas, e refletiram sobre exploração da mão de obra, as dificuldades enfrentadas, a necessidade de organização e união para combater e modificar as leis trabalhistas.

Em relação aos alunos, as turmas participantes tinham em sua maioria jovens que trabalham no contra-turno. Talvez 90% dos alunos e alunas que ali estavam, eram trabalhadores. Eles relataram as experiências de cargas horárias extenuantes, do pouco tempo de descanso e intervalo, do receio em perder os postos de trabalho, das dificuldades em realizar atividades da escola durante o dia. Mas, observaram que hoje as dificuldades são bem menores em relação aos séculos passados.

Segundo Paula (2013), é tarefa da universidade dialogar com a sociedade e, assim, tentar responder às suas demandas e expectativas, reconhecendo-a em sua diversidade, enquanto sujeito de direitos e deveres, e ainda como portadora de valores e culturas tão legítimos quanto os que são derivados dos saberes acadêmicos e/ou eruditos.

É tarefa da extensão construir a relação de compartilhamento entre o conhecimento científico e tecnológico produzido na universidade e os conhecimentos de que são titulares as comunidades tradicionais. É tarefa da extensão a promoção da interação dialógica, da abertura para alteridade, para a diversidade como condição para a autodeterminação, para a liberdade, para a emancipação (PAULA, 2013, p. 22).

Logo, acredita-se que a grande contribuição à escola e aos alunos que participaram das duas oficinas foi no sentido de trazer um novo olhar tanto para as formas de ingresso no mercado de trabalho, o papel social do jornalismo e a responsabilidade social do jornalista, além de propor um espaço para o debate e construção da consciência crítica dos alunos, tudo isso feito de forma lúdica e interativa possibilitando o diálogo.

4. Considerações

Aplicar fora da sala de aula, das “paredes” da Universidade, o que aprendemos dentro delas foi uma experiência bastante enriquecedora, que mais do que compor o currículo acadêmico, materializa-se enquanto elemento de formação pessoal, profissional e social.

Os benefícios são mútuos. Enquanto lá estávamos para levar o nosso conhecimento de jornalistas e acadêmicas de uma especialização que trabalha o ensino da comunicação e do jornalismo e temas contemporâneos, tivemos a oportunidade de aprender com a comunidade escolar que nos recebeu. E essa troca promove crescimento e desenvolvimento para a Universidade e também para a escola.

Falar sobre a profissão de jornalista não é algo fácil, ainda mais em um país que não valoriza a profissão e que não exige formação superior para exercê-la. Ao responder as indagações dos estudantes, redobramo-nos de cuidados para relatar a verdade, sem deixar de inculcar o papel social do jornalista e luta pela valorização da categoria.

Já, o relato dos estudantes trabalhadores durante a oficina sobre o “Mundo do Trabalho” foi algo marcante, inicialmente por nos fazer lembrar a nossa trajetória acadêmica e profissional, e por nos colocar num papel não são de “mediadoras” de uma oficina, mas de “incentivadoras” daqueles alunos, que passam por cargas de horárias extenuantes, que emenda a jornada de trabalho à jornada de estudos, que têm medo de perder os postos de trabalho se reclamarem seus direitos, e que tem inúmeras dificuldades para continuar os estudos. Nesse momento, para além do que aprendemos em sala de aula, compartilhamos com os alunos o que aprendemos com a vida.

Aproximar o acadêmico e a sociedade é a essência da extensão universitária. Tal aproximação se constitui num espaço privilegiado para a produção do conhecimento e para o retorno que a Universidade pode dar à sociedade, no sentido de tentar superar as desigualdades sociais que a compõem.

5. Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manus, 2012. Disponível em: Acesso em: 20 dez. 2016.

JEZINE, Edineide. **As práticas Curriculares e a Extensão Universitária. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.** Belo Horizonte. 2004. Disponível em: www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf. Acesso em: 18 dez. 2016.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. In: **Revista Interfaces**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5>. Acesso em: 20 dez. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos.** Palmas, 2015. Disponível em: <http://ww2.uft.edu.br/ensino/pos-graduacao/especializacao/14650-especializacao-em-ensino-de-comunicacao-jornalismo-temas-contemporaneos> . Acesso em: 18 dez. 2016.